

ESTUDO DA COLEÇÃO “BIBLIOTECA DAS MOÇAS”: A FORMAÇÃO DE JOVENS POR MEIO DA BOA LEITURA

STUDY OF COLLECTION “BIBLIOTECA DAS MOÇAS”: THE FORMATION OF YOUTH THROUGH GOOD READING

ESTUDIO DE LA COLECCIÓN “BIBLIOTECA DAS MOÇAS”: LA FORMACIÓN DE LOS JÓVENES ATRAVÉS DE BUENA LECTURA

*Sônia Yoshie NAKAGAWA**

Resumo: a análise dos romances da Coleção “Biblioteca das Moças” revela como seus componentes narrativos refletiam as aspirações da burguesia brasileira de 1940-50. Publicada pela Companhia Editora Nacional a partir de 1926, a Coleção foi uma das responsáveis pelo crescimento da editora, que ocupou a primazia no mercado nacional na década de 40. A escolha dos títulos da “Biblioteca” decorreu da demanda de livros para um público específico, composto por meninas e jovens da burguesia; a representação da leitora ideal feita pela editora não consideraria as expectativas do público em primeiro lugar, porque priorizava as dos responsáveis pela sua formação socioeducacional, como a família e a escola. A Coleção, formadora do gosto literário de jovens, atendeu à demanda de leitura edificante até meados de 50; nesse sentido, a “Biblioteca das Moças” foi também um dispositivo de controle do comportamento feminino.

Palavras-chave: Leitura de narrativas; Formação de leitoras; Coleção “Biblioteca das Moças”.

Abstract: the analysis of the novels from Collection “Biblioteca das Moças” reveals how their narrative components reflected the aspirations of the Brazilian bourgeoisie of 1940-50. Published by the Companhia Editora Nacional in 1926, the Collection was one of the responsible for the growth of the publishing house, which held the primacy in the domestic market in the 40s. The choice of the “Biblioteca” held the titles of books demand for a specific audience, composed of girls and young women of the bourgeoisie; the representation of the ideal reader made by the publisher did not consider the public's expectations in the first place as it prioritized the responsible for

* Graduada em Letras (1992), mestre em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (1996) e doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005). Lecionou na graduação em Letras da Universidade São Francisco e no curso de especialização em Literatura da Universidade de Taubaté. Professora colaboradora na graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Contatos: sonianakagawa@yahoo.com.br; sonianakagawa@gmail.com.

their social and educational training, such as family and school. The Collection, which formed the literary tastes of young people met the demand for edifying reading until the mid-50s; accordingly, the “Biblioteca das Moças” was also a control device of female behavior.

Keywords: Reading narratives; Formation of women readers; Collection “Biblioteca das Moças”.

Resumen: El análisis de las novelas de Colección “Biblioteca das Moças” revela cómo sus componentes narrativos ofrecen las aspiraciones de la burguesía brasileña de 1940 a 1950. Publicado por la Companhia Editora Nacional en 1926, la colección fue una de las responsables del crecimiento de la editorial, ocupó la primacía en el mercado nacional en los años 40. La elección de la “Biblioteca” celebró los títulos de los libros de la demanda de un público específico, compuesto por las niñas y las mujeres jóvenes de la burguesía; la representación del lector ideal hecha por el editor no considera las expectativas del público en primer lugar debido a la responsabilidad prioritaria para su formación educativa y social, como la familia y la escuela. La Colección, que formó los gustos literarios de jóvenes se reunió la demanda de edificación de la lectura hasta mediados de los 50; en consecuencia, la “Biblioteca das Moças” también fue un dispositivo de control de la conducta femenina.

Palabras clave: Lectura de narraciones; Formación de lectores; Colección “Biblioteca das Moças”.

Participação da Coleção “Biblioteca das Moças” na educação das jovens brasileiras

No início do século XX, as editoras brasileiras acompanharam a modernização do país, com a expansão de indústrias e cidades. Como consequência desse processo, houve aumento da demanda por bens culturais; prosperaram as empresas que atenderam as exigências dos leitores, como foi o caso da Companhia Editora Nacional (CEN). Parte do êxito da editora proveio da Coleção “Biblioteca das Moças”, concebida para meninas e jovens burguesas, cujos educadores valorizavam as leituras edificantes. O levantamento e a análise dos elementos narrativos das obras da Coleção, aqui expostos, comprovam a adesão da Biblioteca aos ideais da sociedade tradicional. O artigo discute ainda os motivos de a Coleção, iniciada em 1926, ter sido reimpressa com êxito até o final de 1950, apesar das mudanças na sociedade brasileira.

A Biblioteca constituiu um marco²¹ na vigência da editora (HALLEWELL, 1985, p. 293), tendo conquistado um número significativo de leitoras, em meados do século anterior. O sucesso da Coleção não provinha de fábulas inventivas, da linguagem expressiva ou de outro fator estético; a previsibilidade, principal substrato dos romances “água com açúcar”²², foi um atributo decisivo para a sua expansão no período de 1926 a 1960.

A ausência de novidades na caracterização dos seres ficcionais, as idealizações em excesso, a inverossimilhança, dentre outros aspectos não foram empecilhos para a longevidade da “Biblioteca”. Tais atributos coadunavam com a imagem do leitor ideal da Coleção, um público feminino, jovem, não muito exigente porque estava em processo de formação do gosto literário. Pelo fato de não o leitor visado não ter autonomia, a editora consideraria, na representação social do público, os possíveis intermediários entre o livro e o público; esses grupos agiam da formação das jovens, e a tutela prosseguia na seleção de bens culturais que disponibilizavam para as meninas e moças.

Durante grande parte do século XX, as famílias mais abastadas procuraram aliados para atuar no controle da educação e no comportamento de suas filhas. A expansão da “Biblioteca”, com a oferta de novos lançamentos e pelo volume de reimpressões, até o final da década de 1960, mostra que a Coleção contribuiu como instrumento pedagógico na sociedade brasileira. O fracasso da última reedição da Coleção, na década de 1980, trouxe uma realidade que as saudosas ex-leitoras não identificaram em suas cartas: o abismo entre os romances sentimentalistas e o público leitor formado por adolescentes.

No final do século XX, os valores e ideais femininos presentes nos romances escritos por estrangeiras como M. Delly²³ estavam fora de sintonia com uma geração que, provavelmente, fora embalada com canções dos Beatles, lera Lygia Bojunga Nunes, testemunhou a

²¹ O sucesso da *Biblioteca* é um indicativo da importância da segmentação no mercado editorial (ZILBERMANN; LAJOLO, 1987, p. 85-162). Por causa desses ajustes, a expansão da editora prosseguiu apesar dos reveses de diversas ordens, como a perda dos direitos das obras de Monteiro Lobato (HALLEWELL, 1985, p. 292-4).

²² A expressão é usada por Sergio Miceli (2001, p. 145-7).

²³ A assinatura M. Delly era partilhada por um casal de irmãos franceses, Frédéric e Jeanne, “católicos fervorosos”. (CUNHA, 1999, p. 17).

progressiva inserção das brasileiras em papéis antes vetados por famílias, nas quais eram muitas vezes apoiadas por outras instituições civis e religiosas. Por motivos econômicos, os novos gestores da CEN (HALLEWELL, 1985, p. 306-7) preferiram não realizar qualquer investimento no acervo: o relançamento dos maiores sucessos não traria riscos, pois o lucro resultaria da administração dos ativos da empresa adquirida pelo Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas (IBEP).

Quando a “Biblioteca” ainda contabilizava uma venda expressiva, como no decênio de 1950, as obras atuavam no controle da educação das jovens. No campo jurídico, era comum a formulação de leis sancionando condutas segundo os gêneros; não é exagero afirmar que a cidadania era negada às mulheres, pelos vetos aos seus direitos nos Códigos Civis (DEL PRIORE, 2012, p. 246-8). No âmbito doméstico, adotavam-se normas, explicitadas ou não, de comportamentos desejáveis pela sociedade.

Contextualizando a Coleção num período histórico singular, enquanto o país urbanizava e expandia a atividade industrial na gestão Vargas, na família brasileira²⁴ rigorosos dispositivos de controle (DEL PRIORE, 2012, p. 277-292) permaneciam na formação feminina. O processo educacional não abarcava somente a grade curricular, diferenciada segundo os gêneros: parte da educação das meninas e moças consistia em apresentá-las às normas e concepções necessárias ao bom desempenho de seus papéis na sociedade, majoritariamente atrelados ao matrimônio.

Desse modo, apesar da modernização do país, a sociedade brasileira, nas décadas de 1940 e 1950, cultivava algumas práticas similares às realizadas pela família patriarcal, modelo presente desde a gênese rural do país e ao longo do seu processo de modernização (D’INCAO, 2012, p. 223). Em 1950, apesar de a sociedade não impor mais o casamento motivado por interesses político e econômico,

²⁴ Abordamos neste texto segmentos parciais de famílias, a saber, as consolidadas por uniões oficiais e pertencentes aos estratos econômicos médio ou elevado. O recorte deve-se ao acesso à educação e aos bens culturais que essas famílias podiam proporcionar aos seus descendentes (D’INCAO, 2012, p. 229; LOURO, 2012, p. 446).

aceitando-se o “afeto” na escolha do parceiro, muitas ações e normas²⁵ de vigilância continuaram para conter a sexualidade feminina.

Na sociedade afeita a eufemismos, considerava-se como ameaça ou agente da ação ilícita o ser do gênero masculino; essa disposição social é seguida pelas publicações femininas, nas quais a moça é representada como um ser ingênuo (PINSKY, 2012, p. 612), que deveria seguir conselhos como os dispostos em “Jornal das Moças”, “Querida”, “Biblioteca das Moças”. Assim, aprenderia os artifícios necessários para não fracassar nos flertes, ou seja, casar. Para muitas filhas da burguesia brasileira, o objetivo ainda era o matrimônio, apesar da ascensão, na sociedade, de vários signos de rebeldia com o *jeans*, o *rock’n roll*, as lambretas (DEL PRIORE, 2012, p. 282-8).

Se ainda havia receio de “moças” andarem sozinhas e também recaía sobre as mulheres a responsabilidade sobre o êxito do casamento, com a urbanização houve algumas mudanças nos papéis sociais. Em paralelo à permanência de certas normas, a função das casadas aumentou para além do âmbito privado: uma mobilidade social poderia resultar de suas ações em espaços públicos. Se a autoridade conservava-se com o patriarca, os provedores começaram a depender do auxílio de um “capital simbólico” feminino (D’INCAO, 2012, p. 229) para a manutenção ou o aumento de seus prestígios.

As esposas ideais, das camadas média e alta, no contexto urbano, precisavam ser apoios discretos dos maridos. Essa condição não seria atingida sem o envolvimento das jovens no processo educacional feminino; numa etapa posterior, era necessária a adesão (D’INCAO, 2012, p. 236) das outrora tuteladas, exercendo em si, e em outrem, uma constante vigilância das condutas aprendidas. A adesão das mulheres, principais responsáveis pela educação nas famílias, era fundamental para dar prosseguimento às normas celebradas na sociedade.

Se às mulheres da burguesia eram destinadas várias representações estanques de gênero e família, com orientações

²⁵ As jovens poderiam transitar em vários espaços públicos, mas “boas moças” evitavam roupas ousadas; passeios de carro eram “excelentes”, desde que o trajeto fosse curto e iluminado. Famílias cautelosas asseguravam uma terceira pessoa nas saídas: o “segurador de vela” refrearia alguma atitude audaz do pretendente.

prescritivas em publicações, as incongruências entre os gêneros e leituras a respeito de amor e sexo explicitam-se pela lembrança dos quadrinhos eróticos de Carlos Zéfiro (DEL PRIORE, 2012, p. 288)²⁶. Ainda a respeito dos contrastes, apesar do moralismo da sociedade, a nossa historiografia arrola muitos exemplos de rebeldia feminina ao padrão. Nísia Floresta (TELLES, 2012, p. 405) foi uma contestadora da sociedade, nos planos público e privado. Como várias brasileiras²⁷, ela defendia a igualdade entre os sexos e o acesso das mulheres à instrução.

O desconforto com os padrões sociais culminou, no final do século XIX, com a representação da Nova Mulher, na imprensa europeia. O ser “sexualmente independente”, crítica do matrimônio como objetivo de vida, atento aos estudos e almejando carreiras provocou reações inflamadas: no Brasil, a “Revista Ilustrada” de 1886²⁸ convocava os “honrados pais de família” a restringir a educação de suas filhas, sob o risco de o “sexo frágil” reivindicar direitos impróprios ao gênero, dentre os quais, o sufrágio feminino (TELLES, 2012, p. 432).

Os leitores aos quais eram destinadas as advertências da “Revista Ilustrada” não tinham motivos para temer a Nova Mulher. De modo geral, as filhas dos grupos privilegiados recebiam um ensino condizente²⁹ com as suas prováveis funções na sociedade. Além do ensino básico, parte delas puderam prosseguir os estudos nos estabelecimentos que formavam professores³⁰; muitas não lecionaram após o matrimônio. As obstinadas, que não concebiam a atividade

²⁶ Lidos, comprados ou trocados clandestinamente, os atos dos leitores envolvendo os “catecismos” desnudavam as idiossincrasias nas práticas de leitura da burguesia.

²⁷ Maria Firmina foi outra defensora do ensino gratuito e de qualidade para todos (TELLES, 2012, p. 412-17). Ana Aurora Lisboa também se destacou, embora sua autoimagem negativa reforçasse a representação da “professora solteirona” (LOURO, 2012, p. 465, grifo da autora).

²⁸ Os receios poderiam ter sentido se o Brasil fosse governado por pioneiras como Nísia ou por trabalhadores socialistas e anarquistas. Com propostas avançadas, esses grupos criaram escolas libertárias (PASSETTI, 2010, p. 350-60), nas quais a reformulação do ensino estendia-se à educação feminina.

²⁹ Aprendiam leitura, escrita, rudimentos da matemática, piano, francês, artesanato, culinária e orientações sobre como ordenar os serviços.

³⁰ Pela consonância com a tradição, títulos da “Biblioteca das Moças” eram alinhados aos Manuais de Civilidade e Etiqueta (CUNHA, 2006, p. 350), nos acervos das bibliotecas de escolas normais.

profissional como temporária, não raro viram seus planos postos à prova pelos legisladores³¹.

O sucesso dos romances da “Biblioteca” não se exprime apenas na sua concordância com o modelo burguês, no volume de vendas e na longa vigência das reimpressões pela editora. O afeto das leitoras aparece nos relatos de ex-normalistas, por meio dos quais elas relacionam os livros ao prazer: “além das leituras dos romances nos dias da semana, havia bailes muito concorridos nos Clube Doze e Lira” (CUNHA, 1999, p. 40)³²; “Eu gostava de ler aqueles livros porque as capas já me atraíam, eram muito sedutoras” (CUNHA, 1999, p. 53). Em contraposição, há recepções diversas ao da leitora ideal. Um exemplo é a crítica à idealização exagerada nas fábulas: “Mas o duro e difícil, depois de tudo isso é conviver com a ideia de que o príncipe encantado se transformou em sapo” (CUNHA, 1999, p. 57). A menção à passagem do tempo – “depois de tudo isso” – recorda o peso da experiência das entrevistadas, no processo de retomada e avaliação dos romances lidos décadas antes com relação à época dos depoimentos.

O declínio das vendas, no final da década 1960, encerrou as fases áureas da Coleção. Na década de 1970, os romances não foram mais impressos, embora continuassem circulando em meios distintos³³ às da época das normalistas. A última reimpressão da “Biblioteca” ocorreu nos anos 80. Sem sofrer alterações significativas, os volumes foram postos à venda, e o retorno financeiro da editora foi ínfimo. Em cartas ao editor, várias leitoras foram identificadas como “ex-moças”, ou seja, o público das fases anteriores. Além de lembrar os anos dourados e a juventude, as missivistas incentivavam a volta da Coleção ao mercado por causa dos seus preceitos morais:

Quando eu era menina ganhava muitos deles de presente e os tenho até hoje, mas minha coleção está incompleta. Agora tenho uma garota que está começando a ler livros, e realmente não há nada

³¹ Em 1927, professoras de Liga do Magistério Catarinense lutaram, sem sucesso, pela revogação de uma lei estadual que as impedia de exercer o magistério após o matrimônio (LOURO, 1997, p. 469).

³² No artigo, foram preservados os pseudônimos adotados por Cunha (1999) e Lang (LANG, 2008, p. 89). Entre 1991 e 1993, Cunha (1999, p. 19) entrevistou seis ex-leitoras, de classe média, “entre 48 e 66 anos”.

³³ Em São Paulo, as operárias das indústrias (CUNHA, 1999, p. 40) foram as novas leitoras das histórias.

parecido à referida coleção no mercado de livros. Os romances chamados ‘água com açúcar’ atuais não dão a formação moral que a ‘Biblioteca das Moças’ dava... (Juju, novembro 1984) (LANG, 2008, p. 89-90, grifos da missivista).

Gostaria de parabenizá-los pela feliz ideia que tiveram de reeditar os livros da ‘Biblioteca das Moças’ e de outras coleções dentro do estilo ‘Romance’, de autores que fizeram a felicidade, o enlevo de muitas adolescentes e jovens de minha geração, mas, sobretudo anteriores a mim. Como diz o pensamento acima, os senhores provocaram um eco de felicidade e saudade em muitos corações que já haviam se desiludido de procurar esse tipo de livro nas livrarias locais. (Caca, setembro de 1984) (LANG, 2008, p. 91, grifos da missivista).

O costume de adultos presentear as meninas com os livros da Coleção, explicitado no início da primeira carta, reforça a importância dos intermediários (educadores e familiares) na circulação dos livros. O interesse das ex-leitoras em prosseguir com a prática surge em outros relatos, como na carta de Nonô, cuja “intenção é completar a Coleção que possui com as reedições publicadas para deixá-la para suas descendentes” (LANG, 2008, p. 93). O texto de Ceci defende essa tradição, pois “as moças precisam de sonhos para viver e a Biblioteca das Moças fez parte dos sonhos de sua avó, mãe e no momento dos seus.” (LANG, 2008, p. 93).

Para identificar os livros da Coleção “Menina e Moça” junto aos valores morais da burguesia, assim como atestar sua qualidade artística, a editora J. Olympio produziu catálogos divulgando os “títulos virtuosos” (SILVA, 2010, p. 91) para o público católico. A importância dos intermediários para o sucesso de coleções como “Menina e Moça” ou “Biblioteca das Moças”, prevalecendo antes da relação leitor e livro, é indiciada pelas prescrições³⁴ e por outros elementos textuais valorizando sua interferência na escolha das leituras de meninas e jovens.

Os romances da “Biblioteca das Moças” não trazem, em sua constituição, prefácios, versos ou prescrições de ilustres como em

³⁴ As orientações, redigidas por escritores, religiosos, críticos literários foram divulgadas em informes ou na composição material dos livros da Coleção (contra capas, orelhas etc). Padre Álvaro Negromonte, Alceu Amoroso Lima (SILVA, 2010, p. 97) e Raquel de Queiroz (ZAPPONE, 2013, p. 4) são alguns nomes que legitimaram a Coleção.

“Menina e Moça”³⁵. Mas o suporte de alguns romances apresenta anúncios, nas contracapas ou orelhas, que indicariam o compromisso dos editores com a formação das leitoras. Em “O homem sem coração” (AYRES, 1935), o informe publicitário, na terceira capa do livro, divulga a revista “Vida Doméstica”; na quarta capa do livro, são listados livros da “Nova Biblioteca das Moças – a melhor e a mais criteriosa Coleção de romances para moças, até hoje publicada”³⁶, com uma notação gráfica indicando cinco títulos que “podem, também, ser lidos por meninas”, segundo os editores. A discriminação das narrativas adequadas às leitoras mirins³⁷, afora o intuito mercadológico, indicaria aos educadores e pais uma preocupação dos editores com a educação das meninas, pela censura prévia de certos romances.

Reunindo o saudosismo das ex-moças, principais autoras das cartas de 1980, à prática da escolha dos livros adequados para jovens, nas correspondências é comum a menção à ausência de livros que ex-leitoras consideram moralmente recomendados para as adolescentes, como suas filhas e alunas. Em várias há a recordação dos benefícios da Coleção nas vidas das leitoras que, em contrapartida, esperavam um efeito igual dos relançamentos na juventude de 1980. Às missivistas não parece incomodar as diferenças temporal e, principalmente, identitária entre o “enlevo” e a “formação moral” de suas memórias ou vontades e as aspirações das adolescentes. O cancelamento da publicação atestou que, sem a reformulação das obras para aproximá-las de um novo público, a “Biblioteca” cativou, na última etapa, somente as leitoras de outrora.

³⁵ Para exemplificar, nas páginas antecedendo as narrativas, há versos e prescrições a favor da Coleção. Os versos discorrem sobre a beleza e a efemeridade da juventude feminina, e servem de epígrafes para os textos seguintes, anunciando a adequação dos livros às leitoras. (ZAPPONE, 2013, p. 3-4)

³⁶ O adjetivo, adotado entre 1933 e 1935, não definiu um novo ciclo, sendo mais uma estratégia publicitária, pois os livros da “velha” fase eram oferecidos junto aos lançamentos, e também incorporavam a igual mudança no título. (LANG, 2008, p. 57).

³⁷ Em “O pecado de lady Isabel” (WOODY, 1938), a lista com a notação aparece na segunda orelha do livro. Nem todos os livros trazem os elementos comentados, como “Amor fiel” (GAYE, 1959), no qual há apenas um anúncio, antes da quarta capa, sem identificação dos títulos.

Estudo da Coleção e suas representações modelares

A CEN publicou 175 narrativas, a maioria de autorias inglesa e francesa; nos decênios de 1930 e 1940, os lançamentos superavam as reimpressões, e a “Biblioteca das Moças” consagrou-se como um dos maiores sucessos da editora.

Segundo Lang (2008, p. 13-4), a “Biblioteca” pode ser identificada em três períodos “pelas transformações sociais e mudanças do público leitor” e “pela dinâmica interna de sua produção”. A primeira fase, de 1926 a 1942, foi a que imprimiu mais títulos novos (LANG, 2008, p. 35), com 54% de livros inéditos em relação ao percentual de reimpressões. Os volumes dessa fase possibilitavam às leitoras a encadernação das brochuras em capa dura.

A segunda fase, de 1949 a 1960 (LANG, 2008, p. 63), abrangeu um período difícil para as editoras³⁸. Entre 1952 e 1954, a “Biblioteca” não foi publicada; em 1955, chegou ao máximo de sua produção, atingindo a marca de “dois milhões de exemplares, sendo 89% (111 títulos) reimpressões e 11% (19) lançamentos” (LANG, 2008, p. 64). A partir de 1954, a editora alterou as ilustrações das capas, a fim de aproximá-las das mudanças sociais nos Anos Dourados, dentre as quais a influência do cinema. As ilustrações tornaram-se mais elaboradas, introduzindo representações sensuais junto ao modelo ingênuo. Outro cuidado que a editora passou a ter, com relação ao suporte, foi não repetir capas para títulos distintos.

A terceira etapa, de 1983 a 1987, foi intitulada, em documentos da editora, de “Operação garimpo” (LANG, 2008, p. 76) pelo resgate de sucessos nos arquivos. Apesar de uma avaliação interna recomendar adequação da linguagem e das fábulas, buscando identificação com as jovens, o grupo³⁹ que incorporou a falida CEN (HALLEWELL, 1985, p. 306-7) preferiu apenas explorar o investimento, a saber, os bens materiais – o catálogo de 500 títulos e o estoque de papel – e o simbólico – o nome da editora. Disponibilizaram 165 mil reimpressões, com ilustrações remetendo às capas da primeira fase (LANG, 2008, p. 80-1). Por essas

³⁸ A crise de importação do papel prejudicou todas as coleções; a CEN priorizou a produção de livros escolares.

³⁹ O IBEP assumiu a empresa em 1980, após uma gestão ineficiente de financistas do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico.

características, a produção da terceira fase mirou as antigas leitoras; os novos gestores preferiram não aplicar recursos nas mudanças para a adaptação dos livros aos anos 1980. Ironicamente, o desfecho melancólico da “Biblioteca” foi coerente com os preceitos defendidos nas obras: ao servirem-se dos ativos rentáveis da aquisição, os administradores da editora penderam a favor da segurança econômica ou, em outras palavras, do bom senso burguês.

A longevidade e o sucesso da Coleção mostram que ela participou da formação literária de uma parcela significativa de leitoras; além desse fato justificando o estudo da Coleção, a leitura de pesquisas sobre a “Biblioteca” indicou a ausência de análise dos componentes das narrativas. Por essas razões, professores e alunos dos cursos de Letras e História da Universidade Estadual de Maringá desenvolveram o projeto de pesquisa “Leituras de moças no decênio de 1940-1950 no Brasil: formas, temas e representações”⁴⁰. O trabalho contemplou também o estudo dos romances da Coleção “Menina e Moça”⁴¹.

No caso da “Biblioteca das Moças”, foram analisadas 34 narrativas, computando-se 173 fichas de personagens⁴². Pelo emprego de dois questionários, os pesquisadores coletaram informações sobre a obra, história e personagem⁴³.

⁴⁰ O projeto, financiado pela Fundação Araucária, foi desenvolvido durante o período de 27/10/2011 a 26/04/2014, e reuniu oito participantes do Centro de Ciências Humanas (CCH). A pesquisa foi concebida e coordenada pela professora Mirian Hisae Yaegahi Zappone (UEM).

⁴¹ Como a “Biblioteca”, trata-se de outra Coleção ao público jovem feminino e de grande circulação. Foram analisados 36 romances.

⁴² Para cada romance, foi preenchida uma ficha correspondente aos dados da obra e da imprensa; os pesquisadores selecionaram as personagens mais relevantes para o cadastramento das fichas (em média, foram computadas 5 fichas de personagens por narrativa).

⁴³ Obra (autor, tradutor, editor, quantidades de edições, títulos originais e tradução); história (tema, tipo de narrador, época, espaço, duração da história); personagem (gênero, posição na história, grau de complexidade, faixa etária, escolaridade, ocupação, nacionalidade, religião, espaços específicos onde transitava, atributos físicos e psicológicos, papéis afetivos, orientação sexual, estrato econômico, desfecho na história).

Pelo levantamento, verificou-se que, no conjunto das narrativas do projeto, predominam os de autoria feminina⁴⁴. Os nomes mais presentes na pesquisa foram os de Berta Ruck (5 títulos), May Christie (4), M. Delly (3)⁴⁵, Florence Barclay (2), Elionor Glyn (2), Rubbie Ayres (2) e Concordia Merrel (2). Os demais autores (como Olyver Sandys e Carol Gaye) são representados por um romance cada.

Nos dois estudos principais sobre a Coleção, de Cunha (1999) e de Lang (2008), as obras de M. Delly são as mais citadas pela quantidade de reimpressões, em todas as fases da Coleção: “‘Magali’ (10ª ed, 1956); ‘Freirinha’ (6ª ed, 1947); ‘Mitsi’ (8ª ed, 1960)” (CUNHA, 1999, p. 36); “‘Escrava’ ou rainha” de M. Delly, seguido por mais de vinte e um títulos do mesmo autor, dentre eles tiragens acima de 5.000 exemplares impressos” (LANG, 2008, p. 78). Outras obras de M. Delly – “No silêncio da noite”, “A casa dos rouxinóis”, “Entre duas almas” e “Vencido” (LANG, 2008, p. 77) foram citadas na Operação Garimpo como títulos que deveriam ser publicados.

Nessas pesquisas, poucos títulos são recordados além da produção dos irmãos franceses – “O rosário”, de Florence Barclay, foi reeditado quatorze vezes (LANG, 2008, p. 21); apesar de Ruck ser o segundo nome com mais títulos impressos, com exceção de “A esposa que não foi beijada” (LANG, 2008, p. 20), não há referências às demais obras dessa autora, responsáveis para alçá-la a esse posto.

Por meio do levantamento extensivo da Coleção, foi possível aos estudiosos realizar diferentes abordagens do material, como pensar as representações de grupos sociais nas narrativas selecionadas por editores; verificar como se inscreveram as mensagens que conquistaram leitoras e escolas; relacionar a adequação das

⁴⁴ Considerando a divisão da assinatura M. Delly, ao nome de Frédéric somam-se apenas dois escritores no grupo – o brasileiro Mário Sette e o francês Paul Bourget. Dentre os autores das grandes tiragens no Brasil, também não figuram muitos homens: excetuando Frédéric (M. Delly), cita-se a de Paul Bourget (LANG, 2008, p. 34), na segunda fase.

⁴⁵ Na Operação Garimpo, os primeiros títulos selecionados foram de M. Delly (LANG, 2008, p. 77). Os irmãos franceses respondiam pela maior parte do acervo da “Biblioteca”, “cerca de 30 títulos em um total de 175 – e o maior número de edições” (CUNHA, 1999, p. 36). Na primeira fase, os livros de M. Delly somavam 17% das impressões (LANG, 2008, p. 34); a sua primazia continuou na fase áurea da Coleção, quando a editora atingiu a marca de um milhão de impressos de M. Delly, entre reedições e lançamentos (LANG, 2008, p. 65).

idealizações nas fábulas aos propósitos morais de uma parcela da sociedade brasileira, de expressão católica e patriarcal.

No caso da representação das personagens da “Biblioteca” e seus percursos, apesar do artificialismo nos atributos dos protagonistas, os valores que eles simbolizavam foram condizentes com a formação das filhas da burguesia. Por isso, identificam-se os cuidados da sociedade e a constância de certos temas e componentes das narrativas.

Uma das maiores diferenças entre os gêneros, no Brasil, residia nos espaços de circulação permitidos às meninas e mulheres pelas famílias tradicionais. Os limites eram ainda referendados pelos “direitos” estabelecidos de acordo com cada gênero; na sociedade patriarcal, como a brasileira, a balança pendia a favor de um lado. Seguindo essa tendência, após o matrimônio, o Código Civil⁴⁶ de 1916 permitia ao marido:

representar a família, administrar os bens comuns e aqueles trazidos pela esposa e fixar o domicílio do casal. Quanto à esposa...bem, essa ficara ao nível dos menores de idade ou dos índios. Comparado com a legislação anterior, de 1890, o Código traz mesmo uma artimanha. Ao estender aos ‘cônjuges’ a responsabilidade da família, nem trabalhar a mulher podia sem permissão do marido. Autorizava-se mesmo o uso da legítima violência masculina contra excessos femininos. A ela cabia a identidade doméstica; a ele, a pública. (DEL PRIORE, 2012, p. 246, grifo da autora).

Algumas constantes nas narrativas destacam a importância do espaço doméstico: no campo dos lugares específicos, onde as personagens circulam, a casa e seus aposentos (quarto, sala e sala de jantar) foram os mais pontuados (vide tabela 1). Apesar de alguns protagonistas mudarem-se para lugares como os Alpes suíços (RUCK, 1955) ou a Riviera francesa (RUCK, [19--])⁴⁷, nas narrativas da

⁴⁶ A fim de reforçar a vigência das práticas coloniais em meados do século XX, em 1942, foi introduzido o desquite no Código Civil, mas o pendor contrário a um lado da balança continuava, pois a mulher “ficava sob a mira do juiz e qualquer passo em falso lhe fazia perder a guarda dos filhos.” (DEL PRIORE, 2012, p. 296).

⁴⁷ Registre-se a dificuldade dos pesquisadores na obtenção do material: das 34 narrativas da “Biblioteca”, 9 foram lidas em versões digitalizadas, como também são os casos de “Entre duas almas” (sem data de edição) e “A ladra” (sem menção ao/à tradutor/a). Não sendo possível identificar informações como data da edição, título

Coleção os espaços mais frequentados pelas personagens são os privados. Os espaços públicos (somando os dados nos campos ruas e bares/restaurantes) são mais ocupados por homens (41) do que pelas mulheres (29). Essa relação é invertida quando se faz o cruzamento do gênero das personagens e sua circulação em locais privados (soma dos campos casa, sala, quarto, sala de jantar e cozinha): nesse caso, totalizam 169 mulheres contra 119 homens.

Tabela 1 – Gêneros das personagens e espaços específicos de circulação.

Gênero da personagem e espaços específicos	feminino	masculino	sem indicio	não pertinente	TOTAL
casa	8	6	0	0	14
sala	3	2	0	0	6
rua	1	2	0	0	4
quarto	2	1	0	0	4
outros	1	2	0	0	3
sala de jantar	2	1	0	0	3
bares/restaurantes	1	1	0	0	2
palácios	9	1	0	0	2
igrejas	1	2	0	0	3
montanhas	1	6	0	0	1
grutas	4	4	0	0	8
escola	4	3	0	0	7
cozinha	2	2	0	0	4
vivenda	3	1	0	0	4
não resposta	2	2	0	0	4
mercados	1	2	0	0	3
praia	1	2	0	0	3
TOTAL	250	216	0	0	46

A primazia dos espaços domésticos justifica-se, em muitas histórias, porque a maioria das personagens é proveniente ou participa da elite – das 173 cadastradas, mais da metade (92) não exerce trabalho remunerado. Desse contingente, o âmbito doméstico também é valorizado por causa do gênero da personagem, pois 65 das que não recebem salários são mulheres (tabela 2):

original e/ou nome do tradutor, nesses casos foram adotadas as indicações dispostas na NBR 6023: 2000 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Tabela 2 – Gêneros e trabalho remunerado

Sexo da personagem Relação com trabalho	Feminino	masculino	sem indícios	não pertinente	TOTAL
não trabalha	62	24	0	0	86
exerce trabalho remunerado	27	48	0	0	75
exerce trabalho não remunerado	3	3	0	0	6
explorado	0	2	0	0	2
sem indícios	1	3	0	0	4
TOTAL	93	80	0	0	173

Em meio às personagens identificadas como fora do mercado de trabalho, uma parcela é formada por detentores de títulos nobiliárquicos ou herdeiros. O fato de muitas mulheres não exercerem uma profissão pode ser justificado por dois fatores: 1. são nobres; 2. iniciam na história com uma profissão e, dado o envolvimento amoroso e o desenlace com o matrimônio, abdicam da carreira, preferindo ser donas de casa. Neste caso, não significa que ficaram isentas de responsabilidades, dentre as quais comandar empregados, zelar pela educação das crianças, acompanhar o esposo nos eventos, lidar com conflitos familiares etc. Essas atribuições, em muitas narrativas, decorrem da ascensão social da personagem feminina. Como se apresenta na tabela a seguir, trata-se de uma constante, no desenvolvimento de muitas personagens do gênero feminino, a mobilidade ascendente:

Tabela 3 – Estratos socioeconômicos e gêneros.

Sexo da personagem Estrato socioeconômico	feminino	masculino	sem indícios	não pertinente	TOTAL
Elite econômica	35	37	0	0	72
Classe média	26	24	0	0	50
Pobre	13	9	0	0	22
Mobilidade econômica ascendente	14	3	0	0	17
Mobilidade econômica descendente	3	3	0	0	6
Sem indícios	2	2	0	0	4
Miserável	0	2	0	0	2
TOTAL	93	80	0	0	173

Pela mobilidade econômica, pode-se assim interpretar os dados das tabelas 3 e 4: o segmento das donas de casa, em parte das narrativas, inclui as jovens que optaram por essa condição, após o enlace. O padrão das obras selecionadas para comporem a Biblioteca ajustava-se às convenções sociais, que consideravam a vida no seio doméstico parte do ingresso ao nível hierárquico após o casamento. É um roteiro padronizado na Coleção e na burguesia brasileira, que deveria ser cumprido tanto pela leitora dos romances – as “boas moças” –, no mundo real, quanto pelas protagonistas, no nível diegético.

Tabela 4- Ocupações das personagens

Ocupação	frequência	%
Outros	55	31,8%
sem ocupação/remuneração	42	24,3%
dona de casa	23	13,3%
empregado	12	6,9%
Estudante	8	4,6%
Empresário	7	4,0%
titulos nobiliárquicos	6	3,5%
Comerciante	5	2,9%
criada de casa	5	2,9%
Jornalista	3	1,7%
Artista	2	1,2%
Governanta	2	1,2%
proprietário de terras	2	1,2%
não resposta	1	0,6%
Prefeito	0	0,0%
Jardineiro	0	0,0%
TOTAL OBS.	173	100%

A renúncia aos estudos e à carreira é um ditame comum nos romances, quer camuflado, em falas edulcoradas dos enamorados, quer explicitado no discurso do narrador. É a situação que reúne as protagonistas de “Casada por dinheiro” (MERREL, 1957), “Entre duas almas” (DELLY, [19--]), e “A ladra” (RUCK, 1955), entre outras. Neste, após o pedido de casamento (RUCK, 1955, p. 291), Sheila Curtis anuncia ao tio do noivo e a Darol a pretensão de retornar ao emprego de secretária, em Paris. No discurso, o narrador

heterodiegético revela os planos da jovem, ou seja, permanecer ao lado do marido, em Londres:

Ela, voltar para Paris? Deixar Londres, onde se achava Darol? Impagável, absurda ideia! Pois bem sabia agora que não se separaria mais dele. Encheu-a este pensamento uma onda de orgulho. Sentiu-se superior do mundo e à humanidade! Eles pertenciam a uma outra raça. Sentia dó do resto do gênero humano (RUCK, 1955, p. 291).

Enquanto, em meados do século XX, diversos países ocidentais noticiavam as conquistas de igualdade de direitos pelas mulheres, a fábula de Bertha Ruck exalta os papéis tradicionais, no segmento em que o narrador focaliza a protagonista. Quando se opõe ao “resto do gênero humano” (RUCK, 1955, p. 291), a heroína mostra o papel desejável para as jovens: Sheila não se divide entre o matrimônio e a carreira, tampouco pensa em conciliá-los. Perfilada com a moral maniqueísta, pelos valores da família, a heroína não hesita em suas escolhas; essa nitidez era o que a sociedade burguesa pretendia, por extensão, às filhas e tuteladas presenteadas com títulos da Coleção.

Para que nada se interpusesse para o *happy end* com o matrimônio, antes do pedido, o noivo, o íntegro capitão Darol, fora recompensado pelo tio⁴⁸ que, no início da narrativa, o acusara de roubo. Empregado, o capitão converte-se em um excelente partido: por suas qualidades físicas e morais, pela reciprocidade do sentimento (valorizado nos anos 1950) e por corresponder ao papel de provedor seguro para a constituição da futura família, aos “moldes tradicionais da felicidade ligada ao casamento legal, à prole legítima.” (DEL PRIORE, 2012, p. 290).

À Sheila bastaria “apenas” abdicar do emprego em Paris, porque disso dependeria a felicidade de ambos, bem como a harmonia familiar e social. Para promover a continuidade da tradição, é importante a adesão das moças, mesmo que, na juventude, tivessem incorporado alguns elementos de rebeldia, inspirados nas Novas Mulheres dos Anos Dourados.

⁴⁸ O sobrinho é restituído ao emprego com um ordenado maior; a mudança é importante para que o herói atenda às expectativas dos padrões burgueses, representando o marido ideal.

Representações modelares e desvios

Destinadas ao entretenimento de moças da elite ou da burguesia, as narrativas selecionadas para a “Biblioteca das Moças” trazem, para deleite das leitoras, a representação idealizada ao extremo, física e psicologicamente, de estratos desses grupos. Quase todos os protagonistas são ricos, da classe média ou serão abastados (a mobilidade ascendente é uma constante, como dito); no tocante aos atributos físicos, por exemplo, a cor da pele, os protagonistas são brancos⁴⁹; a beleza é outra característica recorrente, especialmente nos protagonistas.

A polarização maniqueísta predomina separando os seres⁵⁰: as qualidades psicológicas, atributos físicos e desenlaces estão correlacionados entre si, em especial no caso das personagens principais (há, por exemplo, antagonistas belos e dotados de qualidades psicológicas negativas, como desonestidade, covardia, vaidade etc., por isso não conseguem a separação dos protagonistas); não raro, subalternos são retratados de forma preconceituosa (identificados negativamente como parte de alguma minoria religiosa, social ou étnica). Em síntese, as representações modelares, nas narrativas da “Biblioteca”, são irrepreensíveis e distantes, nos sentidos literais – em raras histórias o espaço é o Brasil, como em “As contas do terço”, de Mário Setti (1929) – e metafórico.

Quando a narrativa aborda um grave desvio à norma social cometido por um protagonista, como o adultério feminino em “O pecado de lady Isabel” (WOODY, 1938, p. 139), o ato desencadeia consequências terríveis sobre o insurgente. Neste caso, a filha do falecido conde foi autora de um dos atos considerado entre os mais infames nas sociedades patriarcais, e agiu movida por ingenuidade,

⁴⁹ Foram contabilizadas 158 personagens brancas, enquanto seres de etnias minoritárias (negros, pardos, amarelos, indígenas) somavam 6 (amarelos não tiveram representantes; etnias de 9 personagens não foram identificadas). O grupo minoritário ocupa papeis secundários e subalternos e, não raro, essas personagens são tratadas com indiferença ou estranhamento pelo grupo majoritário da Coleção. Relacionando ao processo de crescimento das cidades e às mudanças de atitudes nos espaços “fora de casa”, as representações negativas reforçam uma crescente “desconfiança em relação aos ‘outros’, aos desconhecidos” (D’INCAO, 2012, p. 227, grifos da autora) por parte das elites.

⁵⁰ Há 153 personagens planas, 18 planas com tendência à esférica e 2 complexas.

ciúmes e levandade. O romance traz, além dos dramas amorosos, a via-crúcis que uma adúltera sofre exemplarmente, impedindo dessa forma qualquer identificação das leitoras com a lady; satisfazendo a moral das famílias católicas, Isabel pena uma morte social que se prolonga durante meses, até confessar sua culpa ao marido, no leito de morte.

Uma convenção literária comum nas narrativas da Coleção é a reviravolta nos percursos das personagens, ocasionadas por coincidências ou pela intervenção do destino. Em “A ladra”, depois da acusação de roubo em Londres, Sheila e Darol são reunidos, no início do discurso, em uma estância suíça: “[...] Ela se imobilizara, paralisada sobre a neve da rua, seguindo com os olhos o trenó. Seria possível que fosse...? [...] Como era parecido! Ou era um sósia seu ou ele em pessoa.” (RUCK, 1955, p. 3-4). No final da narrativa, outra coincidência aproxima o casal: tomam o mesmo trem para Londres (RUCK, 1955, p. 296-7).

A presença de uma força superior ou divina, justificando as mudanças nas ações das personagens da Coleção, por vezes é identificada com a religião católica. Em “As contas do terço” (SETTE, 1929, p. 8-30), Doris, formada no colégio de freiras, lamenta o abandono da mãe, quando criança. Posteriormente, ela fica noiva de um médico; uma das pacientes dele, Sara, chama-lhe a atenção pela semelhança com a amada. As boas qualidades e ações de Doris resultam no reencontro entre mãe e filha, na igreja (SETTE, 1929, p. 37).

A importância da fé católica, evidenciada no título e nas descrições dos espaços sacros, converge na devoção da protagonista e menção à cena da Mater Dolorosa pelo narrador. Todos esses elementos atestam o merecimento da graça pela protagonista, ou seja, o seu reencontro com Sara: “E, antes de saírem [*sic*], na capella [*sic*] lateral de Nossa Senhora Piedade, contemplando o grupo emotivo da Mãe que acolhe o Filho morto no regaço.” (SETTE, 1929, p. 37).

Os objetos possuem grande valor simbólico nos romances que enfatizam a fé; o perdão de Doris é expresso por uma pedra das contas do seu terço, ofertado à mãe (SETTE, 1929, p. 124). Em “O pecado de lady Isabel”, o colar com a cruz, presente da falecida mãe, foi quebrado acidentalmente pelo capitão Levison no primeiro encontro dos jovens (WOOD, 1938, p. 17): o incidente antecipa os desgostos

que adviriam para Isabel por sua proximidade com o capitão. Em se tratando de obras formativas, preconizam-se as companhias que devem ser evitadas, assim como as dádivas ou castigos que Deus reservaria para os que seguissem (ou não) os Seus ensinamentos.

A progressiva mudança de Isabel, de jovem ingênua e volúvel para mulher contrita também é marcada por uma intervenção divina: abandonada pelo amante, ela e o bebê sofrem um acidente de trem. O rosto da jovem fica deformado e, a criança, morre; uma freira surge para “consolá-la”:

– Procure aceitar a morte como uma justa punição dos seus pecados, e faça, neste último momento, um ato de fé e obediência à vontade de Deus. Essa punição então se transformará em benção. (WOOD, 1938, p. 166).

Isabel é uma arrependida exemplar: excetuando o ciúme que sempre sentira por Bárbara, inexistiam outras inquietações em sua trajetória. Não lamenta a morte do filho da relação ilegítima: como lhe dissera a irmã, são penitências de sua “cruz pesada” (WOOD, 1938, p. 149).

O pecado e outros vocábulos alusivos à culpa cristã aparecem várias vezes no romance e, também, no título escolhido pela tradução brasileira, uma prolepse anunciando o infortúnio da protagonista. O original inglês é o nome da propriedade familiar de Isabel, “East Lynne”; seja como atrativo mercadológico para atrair a curiosidade das moças, seja como advertência num país católico, a CEN abdicou de um título neutro, mesmo que o escolhido pudesse comprometer a expectativa da leitura. Mas, como dito, para as leitoras ideais da “Biblioteca das Moças” e, principalmente, para seus pais e professores, era reconfortante saber que as histórias atuariam como aliadas na formação, reafirmando normas, modelos e Códigos que delimitavam, com rigor, espaços, desejos e vidas de meninas e moças da sociedade.

Conclusão

Os livros selecionados para compor a Coleção “Biblioteca das Moças” provinham da “Bibliothèque de ma fille” e de outros catálogos enviados por editoras estrangeiras à Companhia Editora Nacional;

posteriormente, a José Olympio Editora (HALLEWEL, 1985, p. 376) reproduziu esse modelo quando, em 1934, publicou a Coleção “Menina e Moça”.

Num sistema literário em franca modernização, as editoras nacionais segmentaram os livros em diferentes públicos. Nesse contexto, o sucesso dos títulos importados promoveu um empobrecimento estético da produção literária infanto-juvenil (ZILBERMANN; LAJOLO, 1987, p. 85), impondo a “profissionalização” dos escritores, que produziam anualmente livros em série para fazer jus à concorrência. Da mesma forma que ocorria nos títulos estrangeiros, a repetição de temas e personagens foi uma consequência nas coleções lançadas por editoras como Saraiva ou Melhoramentos. Em tempos de livre concorrência, tudo passou a ser válido para atender à demanda dos leitores, sempre ávidos por “novidades”.

O levantamento dos elementos narrativos recorrentes na “Biblioteca” comprova que a seleção dos títulos seguia os valores morais de uma parcela da sociedade brasileira. A editora atendeu às exigências da burguesia, publicando livros edificantes para famílias e educadores. A partir de 1940, algumas modificações surgiram nas obras, como a caracterização de protagonistas similares ao modelo da Nova Mulher ou a menção ao divórcio. Apesar das mudanças, a análise das obras comprova que o viés tradicional foi mantido porque persistia a vigilância no comportamento feminino. Em 1980, apesar dos pedidos de ex-leitoras por uma publicação adequada às jovens de “boas famílias”, o fim da Coleção atestou a incongruência entre as histórias e as adolescentes.

Referências

AYRES, Ruby. *O homem sem coração*. Tradução de Albertino Pinheiro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. (Coleção Biblioteca das Moças).

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução* – os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Tenha modos! Manuais de civilidade e etiqueta na escola normal (anos 1920-1960). In: VI CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (UFU). 2006. UFU/Uberlândia - MG. *Anais...*Uberlândia - MG: UFU, 2006. p. 350-361.

DELLY, Madame. *Entre duas almas*. Tradução de Sarah Pinto de Almeida. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [19--]. (Coleção Biblioteca das Moças).

DEL PRIORE, Mary. Da modinha à revolução sexual. In: _____. (Org.). *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 231-327.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 223-240.

GAYE, Carol. *Amor fiel*. Tradução de Beatriz de Vicenzi. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. (Coleção Biblioteca das Moças).

HALLEWELL, Laurence. José Olympio. In: _____. *O livro no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1985. p. 333-398.

_____. Octalles Marcondes Ferreira. In: HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1985. p. 267-308.

LANG, Cíntia da Silva. *De moças (1926-1960) a ex-moças (1983-1987): representações e práticas de leitura instituídas na Coleção Biblioteca das Moças*. 2008. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 443-481.

MERREL, Concordia. *Casada por dinheiro*. Tradução de Mário Sette. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. (Coleção Biblioteca das Moças).

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PASSETTI, Edson. Crianças carentes e políticas públicas. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 347-375.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 607-639.

RUCK, Bertha. *A esposa que não foi beijada*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [19--]. (Coleção Biblioteca das Moças).

_____. *A ladra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. (Coleção Biblioteca das Moças).

SETTE, Mário. *As contas do terço*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929. (Coleção Biblioteca das Moças).

SILVA, Márcia Cabral. A Coleção Menina e Moça: entre o bom comportamento moral e a formação do gosto literário. *Currículo sem fronteiras*, v. 10, n. 2, p. 91-105, jul./dez. 2010.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 401-442.

WOOD, Henry. *O pecado de lady Isabel*. Tradução de Lygia Junqueira Smith. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. (Coleção Biblioteca das Moças).

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Caminhos da leitura no Brasil: a Coleção Menina e Moça e a formação de leitoras mirins nas décadas de 1930-1960. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, jul./dez. 2013.

ZILBERMANN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Literatura infantil brasileira: História & histórias*. São Paulo: Ática, 1987.

Recebido em 30/01/2014

Aceito em 08/07/2014